

ONTEM VIA EMBRATEL
Nordeste: Uma Identidade Esquizofrênica

*Nara Maia Antunes**
Pesquisadora do Depto. de Educação
da Fundação Joaquim Nabuco

1. INTRODUÇÃO

Este artigo tem sua origem na pesquisa “Nordeste Brasileiro: Identidade e Trabalho” (*) que, partindo da triangulação Homem-Natureza-Trabalho, pretende captar a teia de relações que se estabelece num contexto sócio-histórico e espaço-temporal determinado - no caso, o Nordeste brasileiro na segunda metade do século XX - tomando como fonte obras literárias. Aqui a análise está restrita ao romance *Essa terra* de Antônio Torres e se desenvolve utilizando como referencial teórico básico as idéias do psicólogo social francês Paul - Henry Chombart de Lauwe a respeito das aspirações e da tomada de consciência como motores das transformações sociais.

Assim como para Lígia Chiappini Moraes Leite, cujo ensaio *“Ponteiros parados”* ou a gênese do cão serve de prefácio à primeira edição do romance de Torres, também para nós *Essa terra* é visto como “a representação da miséria do Junco ou do Sertão Brasileiro” e, sobretudo, “a sondagem de uma condição social” que sofre “a fragmentação do homem desde que a civilização criou o abismo

* *A autora está atualmente engajada nesta pesquisa juntamente com Eugênia Menezes e Vernaide Wanderley, também pesquisadoras da FUNDAJ.*

entre a enxada e a caneta" (8)** . Aliás, não apenas esse, mas vários outros "abismos" ou "becos sem saída" ainda sem solução: a desagregação da família; a perda do sentido da vida; a imposição dominadora de um sistema de valores e representações que não respondem aos interesses e aspirações de todos os homens mas apenas de uns poucos; a manipulação que esses poucos exercem sobre os demais - via linguagem, escola, religião, família, modelos, propaganda; a impossibilidade de um projeto de transformação coletivo e democrático pela falta de canais de comunicação que ascendam da base comum da sociedade ao topo que toma as decisões em seu nome; a reação dos marginalizados, expressada ora pela apatia dos que não se sentem cidadãos, ora pela violência (muitas vezes voltada contra outro oprimido, ao invés de concentrar-se no opressor)¹, ora pelo refúgio no mito (inclusive religioso) ou na loucura.

Como em vários outros sentidos, *Essa terra* é exemplar também se analisado à luz dos conflitos da moderna civilização e da forma de superá-los mediante a tomada de consciência da situação e de seus pontos de rutura e contradição, de modo a aproveitá-los na elaboração de projetos de transformação que considerem as reais aspirações da comunidade como um todo, como prega Chombart de Lauwe (1969, 1975).

2. A MIGRAÇÃO COMO ASPIRAÇÃO COLETIVA

Logo no início do romance, ficamos sabendo que Nelo, o migrante que no imaginário dos habitantes de Junco simboliza o sucesso na vida - "Um monumento em carne e osso. O exemplo vivo de que nossa terra também poderia gerar grandes homens" (18) -, havia retornado para se suicidar. Tudo o que segue, então, é a tentativa de explicação para esse suicídio que, mais do que a morte de um homem e das aspirações coletivas que ele simboliza, representa também, numa leitura mais abrangente, o alerta de que os rumos da civilização moderna conduzem à morte, e uma

** O número entre parênteses indica a página de onde foi extraída a citação.

1 A esse respeito, veja-se FANON (1961), que inclui um significativo prefácio de Jean Paul Sartre.

tomada de consciência de que tais rumos devem ser corrigidos.

Vinte anos atrás, Nelo havia migrado para São Paulo, ao descobrir que “o vagaroso e solitário” (20) Junco não lhe abriria um futuro com novos horizontes e perspectivas, tal como lhe parecia ser o futuro nas cidades grandes.

A vida no lugarejo se resumia a “uma missa de vez em quando, uma feira de oito em oito dias, uma santa missão de ano em ano, uma safra conforme o inverno” (29). A cidade - como tantas outras do Nordeste fundada por retirantes que, tangidos pela seca, em algum lugar (no caso, uma fazenda abandonada pelo proprietário) encontraram “farinha e abrigo” (53) - fora recentemente emancipada, “apesar de nada mais ter acontecido daí por diante” (18). Pelo contrário, prosseguira a decadência, que não era particularmente de Junco, mas da era rural: “nossos pastos já foram verdes, eu sei. Já não temos mais pastos” (46), como lembra Nelo em São Paulo, ou, como sabiamente constata o velho Caetano Jabá, “nossos avós tinham muitos pastos, nossos pais tinham poucos pastos e nós não temos nenhum” (20).

A aceleração dos processos de urbanização e industrialização do País, juntamente com a quebra do isolamento propiciado pela chegada da estrada - “Foi contigo que as mudanças começaram, porque foste o primeiro a descobrir a estrada” (95) - e de outros meios de comunicação, rachara o monolítico sistema de vida de Junco quando fizera com que entrasse “no mapa do mundo” (17). A estrada tornou a cosmopolita São Paulo “um caminho de roça” (41), um lugar do qual “se pode sair (...) e chegar aqui no mesmo dia” (97).

Ao se ver confrontado com outros modos de vida e sistemas de valores, os quais, inclusive, eram apresentados como “o progresso” (21) e recebiam a chancela dos detentores do poder - o Presidente, a Igreja, o Banco (21) - Junco ficou em desvantagem aos olhos de seus moradores:

Moças na janela, olhando para a estrada, parecem concordar: isto aqui é o fim do mundo. Estão sonhando com os rapazes que foram para São Paulo e nunca mais vieram buscá-las. Estão esperando os bancários de Alagoinhas e os homens da Petrobrás. Estão esperando. Tabaréu, não: rapazes da cidade (20).

Os predicados (“olhar para estrada”, “sonhar”, “esperar”) denotam a aspiração comum - migrar -, reforçada pela recusa de aceitar casamento com os “tabaréus” de Junco.

Nelo descobriu que queria ir embora no dia em que viu os homens do jipe. Estava com 17 anos. Ele iria passar mais três anos para se despregar do cós das calças de papai. Três anos sonhando todas as noites com a fala e as roupas daqueles bancários - a fala e a roupa de quem, com toda certeza, dava muita sorte com as mulheres (22).

Há uma diferença entre a atitude das moças que esperam que alguém (não tabaréu) venha buscá-las, e a dos “tabaréus” que só aguardam “se despregar do cós das calças” dos pais para irem embora. Todos “sonham” (aspirações) com o mesmo, mas as moças não têm autonomia - “Eu queria ser homem para poder mandar no meu destino. Ir para onde bem entendesse, sem ter que dar satisfações a ninguém” (98) - ou, pelo menos, não a exercem, a não ser que estejam dispostas a se rebelar contra o sistema de valores rurais, como Zuleide (uma das irmãs de Nelo/Totonhim), que fugiu sozinha para não se submeter ao castigo de voltar ao trabalho na roça, após ter sido flagrada em um relacionamento sexual antes do casamento, coisa absolutamente proibida pelos valores vigentes (104). Por sua vez, aos rapazes é permitida e até incentivada - “Não se esqueça que eu dei conselho a seu pai, para ele deixar você ir embora” (25) - a realização da aspiração de migrar, e uma das motivações para tal é “ter sorte com as mulheres”, num exemplo claro do inter-relacionamento das aspirações de um grupo com as aspirações de outro grupo.

3. LÍNGUA E DOMINAÇÃO

Concretamente, Nelo sonha “com a fala e a roupa” daqueles que, para ele, representavam o progresso. “Fala e roupa” funcionam, neste trecho, como símbolos dos “costumes de outras terras” (22) que, em seu imaginário - porque assim lhe foram apresentados pelos que tinham autoridade - são, “com toda certeza”, superiores aos que estava acostumado desde sempre em Junco. Sem qualquer consciência crítica, naquele momento ele aceita como verdade absoluta o que lhe é apresentado como progresso e introjeta

passivamente a “inferioridade” de seus costumes e valores. Na definição dada por Chombart de Lauwe, é um “alienado” que não questiona a situação, apenas procura nela integrar-se sem reivindicar qualquer transformação.

Por outro lado, mais do que um simples costume, a fala, a linguagem, é a expressão de uma visão de mundo, de um sistema de valores. Nenhuma linguagem é neutra, “inocente”: toda linguagem expressa um modelo de representação da realidade, do Universo tal como é apreendido por determinada cultura. De fato, a linguagem é um fato cultural, formulado em certas condições e determinante de certo processo de significação. Segundo Bakhtin (1986), usada por diferentes classes sociais a linguagem tem, em cada uma delas, uma orientação diferente. De modo que é sempre múltipla, e pretender que qualquer signo linguístico tenha um caráter unívoco é uma imposição ideológica que converte o signo “na arena da luta de classes”.

Em vários trechos de *Essa terra* reaparece essa questão linguística, ou melhor, a questão da utilização da linguagem como forma de Poder, de imposição do sistema dominante. Assim, por exemplo, Totonhim nota as “maneiras paulistas” da linguagem de Nelo ao retornar (“o fulano, a fulana”) e tem “vontade de lhe dizer que o povo daqui não gosta de quem fala assim. Na frente, louva-se o sotaque novo do cidadão. Por trás ...” (31). O que Bakhtin chama de “arena da luta de classes” aparece aqui explícito, reconhecendo-se o caráter camuflado, mais visceral que epidérmico, desta luta.

Em uma outra ocasião, o narrador utiliza os mesmos símbolos de progresso - a fala e a roupa - e demonstra ter plena consciência de que a linguagem é expressão de um modelo cultural de representação da realidade:

Falava sabido, no seu modo aventureiro, dando a entender que por trás de cada palavra estava a inquestionável experiência de um homem viajado (grifo nosso). Não contava o que ouviu dizer, mas o que tinha visto. Era sabido também no vestir: sua roupa de todo dia aqui só se usava uma vez na vida, no dia do casamento. (62)

Finalmente, não por coincidência, o louco Alcino “nos dias em que a lua ataca, (...) inventa palavras difíceis que ninguém entende” (29). Em sua loucura, Alcino explicita (“Todos sabiam que o doido

estava falando a verdade" (27)) a fragmentação do homem colocado entre dois mundos que se chocam: de um lado, o mundo do progresso, o de costumes, valores e palavras diferentes (aliás, palavras diferentes porque costumes e valores diferentes), e de outro lado o decadente mundo rural, marcado pelo conservadorismo nos valores e, consequentemente, na linguagem.

4. CONFLITO E AMBIVALÊNCIA

Na verdade, este é o conflito central retratado por *Essa terra*, que em nossa análise será emblematicamente representado pelo confronto entre o Pai (apego à terra, aos valores e costumes tradicionais) e a Mãe (aspiração ao progresso, incorporação de novos valores e costumes - sobretudo o consumo, símbolo máximo da civilização regida pelo dinheiro). Esse conflito aparece bem na metáfora que tem por base a linguagem, quando o Pai afirma que "Sua escrita era outra e essa ele tinha orgulho de fazer bem: riscos amarronzados sobre a terra arada, a terra bonita e macia, generosa o ano inteiro, desde que Deus mandasse chuva o ano inteiro. A melhor caneta do mundo é o cabo de uma enxada" (50). Até literalmente, está aqui explicitado o já tão estudado conflito entre a enxada e a caneta!

Não é de estranhar, portanto, que um romance que mimetiza uma situação de conflito não resolvido seja regido pela fragmentação narrativa, pela ambivalência, pela assumida contradição entre pólos opostos: presente e passado, amor e ódio, masculino e feminino, rural e urbano, tradição e mudança.

Por não se decidir por um lado ou outro é que os subtítulos do romance são contraditórios: "Essa terra me chama", "Essa terra me enxota", "Essa terra me enlouquece", "Essa terra me ama". Também Nelo demonstra sua confusão: "Não sei se fico ou se volto. Não sei se estou em São Paulo ou no Junco" (47). É o principal narrador, Totonhim, se compara "aos pêndulos de um relógio sem rumo" (24): "Vinte anos para frente, vinte anos para trás. E eu no meio, como dois ponteiros eternamente parados, marcando sempre a metade de alguma coisa - um velho relógio de pêndulo que há muito perdeu o ritmo e o rumo das horas" (22)³. É natural, portanto, que se sinta desorientado - "quando não se conhece a direção, roda-se em todas as direções" (110) - e incapaz de encontrar uma verdade

unívoca: “Todos têm razão. O mundo é que é uma desgraça” (96).

Esta situação ambígua, que poderíamos chamar esquizofrênica - viver simultaneamente dois mundos opostos - é, de certa maneira, denunciada pela enorme quantidade de personagens atingidos pela loucura, alguns de modo mais profundo - Alcino, a Mãe e , ao que parece, Pedro Infante e o Prefeito - e outros de modo mais eventual: o Pai ao deixar suas terras aboiando na boléia de um caminhão (69), Totonhim descarregando suas mágoas através da violência contra o cadáver do irmão (ele próprio comenta: “Agora sei que um homem pode ficar louco e depois voltar a ficar são”) (35), ou mesmo Nelo, em seu delírio durante o espancamento em São Paulo e por seu ato suicida.

Todo o romance é perpassado por essa ambivalência esquizofrênica. Ora o que é valorizado positivamente é o que aqui chamaremos “o lado do Pai”, ora o que sobressai são as vantagens do “lado da Mãe”.

5. O “LADO DO PAI”

Quando estamos “do lado do Pai”, até mesmo Junco, na maioria das vezes descrito mediante signos depreciativos, ganha uma carga afetiva positiva:

O Junco: um pássaro vermelho chamado Sofré, que aprendeu a cantar o Hino Nacional. Uma galinha pintada chamada Sofraco, que aprendeu a esconder os seus ninhos. Um boi de canga: o Sofrido. De canga, entra inverno, sai verão. A barra do dia mais bonita do mundo e o pôr de sol mais longo do mundo. O cheiro de alecrim e a palavra açucena. E eu que nunca vi uma açucena. Os cacos; de telha, de vidro. Sons de martelo amolando as enxadas, aboi nas estradas, homens cavando o leite da terra. O cuspe do fumo mascado da minha mãe, a queixa muda de meu pai, as rosas vermelhas e brancas da minha avó (19).

2 Para uma melhor análise dessa ambiguidade narrativa, veja-se LEITE (1976).

Note-se que os elementos usados nesta descrição positiva são rurais - animais, natureza, trabalho, vida familiar, cheiros e sons -, de modo que a contradição não aparece, pois não há confronto com o mundo exterior. Já colocado diante de um outro mundo, Junco decai para "um lugarejo de sopapo, caibro, telha e cal" (18): os elementos descritivos são agora tomados da construção civil, mais apropriados para uma caracterização urbana. Ou seja, de acordo com o sistema rural (o "lado do Pai"), Junco é positivamente valorizado, mas segundo os padrões do sistema urbano (o "lado da Mãe"), é claramente inferiorizado, para não dizer completamente desvalorizado.

5.1 Os laços familiares

Ainda sob a ótica do "lado do Pai", outro elemento importante é a família, quer do ponto de vista da continuidade renovada, quer sob o aspecto econômico: "já tinham cinco filhos e haveriam de ter muitos mais, como seus tataravós, seus bisavós, seus avós, seus pais. Deus os criaria, são e fortes. Deus lhe daria muitos braços para o eito" (57).

Arraigado aos valores rurais tradicionais, o Pai aspira a manter a família unida: "O seu sonho era ter todos os filhos juntos, debaixo do mesmo teto" (83). A dispersão dos filhos nunca foi aceita, pelo contrário, ele a tomava como uma ingratidão, quase como uma afronta pessoal: "Doze filhos no mundo - para quê? Queria um bem danado a todos eles, morria de saudades de um a um a todo instante. E a paga? O abandono. A solidão" (59).

Sua decepção e sofrimento foram ainda maiores com a atitude do irmão que lhe compra as terras, ao invés de ajudá-lo a resgatar a dívida no Banco, agindo "como se fosse do partido deles" (60). O velho toma como traição o que é normalmente aceito pelo sistema vigente como uma "oportunidade de mercado":

*Sangue do seu sangue, carne de sua carne (...)
Um irmão lhe tomava o que tinha e ainda dava
um tapa em suas costas, com se estivesse
fazendo um favor. (...) Tinha três palavras na
garganta, nada mais: orgulho, ganância,
ingratidão (...) o velho não ouvia a voz do outro,
pensava em coisas distantes, talvez numa ordem*

a que o universo estivesse sujeito e que ninguém podia quebrá-la. Deus fez a terra, a água e o sal, o sol e a lua, os bichos e os homens - e os homens eram todos irmãos e os irmãos de sangue eram ainda mais irmãos, porque vieram do sofrimento de uma mesma mulher (...) os ventos e a chuva têm dono, o mesmo dono dos homens, o Senhor e Soberano da Paz, da Justiça e da Concórdia. (61)

Realmente, este não é um idéario de quem está integrado no mundo capitalista!... A “ordem” em que o Pai pensa é, realmente, uma “coisa distante” e a fraternidade com que sonha um idealismo talvez inalcançável. Na prática, na civilização moderna, o que se tem comprovado é que os ventos e a chuva têm dono, o mesmo dono dos homens, só que este “dono”, seguramente, não é “o Senhor e Soberano da Paz, da Justiça e da Concórdia”, mas o dinheiro: “Tudo era uma questão de dinheiro, ele sabia” (60).

É natural, portanto, que o Pai não compreenda nem aceite o novo sistema: “Que mundo é esse onde filho não respeita pai, mulher não respeita marido? - A velha pergunta de sempre entalava-se outra vez no pomo-de-adão. Morreria sem uma resposta” (59).

5.2 Trabalho

Outro valor importante do “lado do Pai” é a integração homem-natureza-trabalho, isto é, o homem do campo transforma diretamente a natureza mediante seu trabalho e tem a exata consciência da importância deste ato, enquanto que na civilização industrial, a fragmentação da cadeia produtiva termina por fragmentar o próprio homem, que não se reconhece no fruto de seu trabalho.

Em Junco o Pai sente orgulho de seu ofício - “quando um carro de boi passava cantando pela estrada, ele sabia que em algum lugar alguém estava anunciando sua fama de mestre carpina” (53); “Quantas vezes esfregou as mãos, depois do trabalho pronto, contente por ter feito um bom trabalho” (88) - e tem grande admiração por Nelo, não porque este realizou a aspiração de migrar, mas porque dele esperava a continuidade no trabalho: “Foi o único que puxou a mim - lamentava-se diante da nossa má vontade em

pegar no cabo de uma enxada" (33).

De alguma forma Nelo "puxou ao pai" no que se refere a valorizar um trabalho em cujo fruto o homem se reencontra. De fato, no auge de uma sessão de tortura em São Paulo, ele encontra refúgio na recordação do trabalho do campo:

Ajudei papai a plantar o feijão e o milho, eu, mamãe, as meninas e os trabalhadores, e todo dia eu acordava mais cedo, para ver se a plantação nascia, era bonito ver uma plantação nascendo, e mais bonito ainda era vê-la crescer, as folhas se abrindo, orvalhadas, de manhãzinha. (...) Eu plantei o pé de ficus na porta, já deve estar uma árvore bem grande. Eu plantei cinco castanhas, nasceram cinco cajueiros (...) (46).

Porém em Feira de Santana, o velho não encontra trabalho fixo - "Não, trabalho para carpinteiro ninguém sabia onde tinha, todos ali trabalhavam em oficinas mecânicas e postos de gasolina." (55); sente-se um estranho - "era tudo tão diferente" - e, pior, adquire um sentimento de inferioridade até diante do filho migrante: "Eu sou da roça e não tenho as novidades dele" (50). Conduzido a interiorizar a imagem de si próprio que os outros lhe transmitem³ - um roceiro analfabeto, que não tem as habilidades requeridas de um trabalhador urbano e não sabe manejar bem o dinheiro - o Pai se sente acabado - "já tinha sido um homem, agora não era mais nada" (49) - e se entrega ao vício da bebida. No final do romance, Totonhim o vê como "Papai Absurdo", um homem desamparado, solitário e endividado, que vê na morte a solução para seus problemas: "Ele está te contando que passou a vida pegando no pesado, ninguém nunca poderá chamá-lo de preguiçoso. E agora só lhe restam duas mãos cheias de calos" (107).

Duas mãos e o sentimento do mundo, completaria o poeta, pois havia aprendido que "nada voltaria a ser o que foi (...) Olhar para trás era perder tempo" (68).

³ Também Totonhim compartilha deste sentimento de inferioridade e não se acha em condições de hospedar Nelo logo que este retorna a Junco.

6. O "LADO DA MÃE"

Se os principais elementos identificados do "lado do Pai", como vimos, são o aconchego familiar, a permanência dos valores conhecidos e respeitados e a integração homem-natureza-trabalho, do "lado da Mãe" ressaltam como características básicas, entre outras, a supremacia do dinheiro/consumo, a quebra do sistema de valores tradicional e sua incompleta substituição por um outro aceito por todos, e a fragmentação do homem, esmagado pela solidão, pela aceleração vertiginosa do ritmo de vida, pela violência e pela reificação. O foco narrativo de *Essa terra* praticamente não se detém nas relações de produção do "lado da Mãe", embora elas sejam subjacentes a todos esses pontos.

6.1 Saudades do "Paraíso Perdido"

Aliás, esse lado quase nunca ocupa o lugar central do romance, funcionando muito mais como um cenário secundário, porém indispensável para servir de contraponto. À Terra Prometida - inatingível para a maioria e até decepcionante para muitos dos que conseguem chegar lá - se contrapõe o Paraíso Perdido, sendo o Pecado Original representado pela migração. Neste sentido, é interessante notar a analogia entre as recordações de Junco (Paraíso Perdido), várias vezes metaforicamente expressas pelas flores - "rosas vermelhas e brancas da minha avó" (19); "As flores estão morrendo" (24); "Sinto o cheiro das flores de outros tempos: rosas. Rosas de todas as cores, de todos os cheiros" (85) - e a representação do Paraíso que a religião promete para após a morte: "O céu é cheio de flores. As flores do mês de Maria. Depois da morte a vida é um perene mês de maio. As flores do céu: rosas, açucenas e jasmims. Todas as flores que existiam, sempre vivas. A seca nunca chegava lá" (66).

Ou seja, somente não há uma identificação total entre os dois "paraísos" porque no almejado céu religioso não há nenhum fator que conduza à decadência ou à mortalidade: não havendo seca, tudo se torna "perene", as flores são "sempre vivas". Não há nada transitório ou a ser mudado, tudo é eterno e perfeito. A seca funcionaria, então - dentro da mesma imagem bíblica - como a serpente do *Gênesis* que levou Adão ao Pecado Original. Além disto,

a seca e todos os demais fatores sócio-econômicos que estamos acompanhando em nossa análise, se por um lado são as causas da migração, por outro lado, dialeticamente, geram a mutabilidade da estrutura deficiente, pois é tomando consciência dos pontos de contradição e ruptura (as "tentações da serpente") de um sistema que não satisfaz plenamente as aspirações, que se parte para a tentativa de transformá-lo, num processo ininterrupto e sucessivo, uma vez que a satisfação de certas aspirações mudará em parte a estrutura vigente e simultaneamente esta mudança fará nascer novas aspirações, *ad infinitum*.

Nesta sua qualidade de "paraíso" - definitivamente perdido mas análogo ao almejado - Junco continuará sendo sempre chamado de "*a nossa casa*" (33 - grifo do narrador), mesmo depois que a família transferiu-se para o "lado da Mãe".

6.2 Decepções com a "Terra Prometida"

Essa representação mediante signos positivos não acontece para o mundo urbano, a "Terra Prometida". Inhambupe - a cidade da qual Junco se desmembrou - cresce como "rabo da besta", isto é, "para baixo" e "quando cresce o dono corta" (21). Em Alagoinhas se leva uma "miserabilenta vida miserável. (...) Homens da roça fazem filas nas portas dos homens da roça que moram na cidade. O bairro de entrada é o mais fedido de todos, o mais fodido" (105). Por sua vez Feira de Santana, conhecida por sua condição de encruzilhada de vários caminhos, é metonimicamente descrita através de sua rodoviária, "uma zanação sem começo nem fim, um entrar e sair de formigueiro vivo" (62). Finalmente São Paulo - o alvo principal das aspirações coletivas dos habitantes de Junco, a "Terra Prometida" por excelência - aparece como um lugar onde se vive e se morre um pouco todos os dias, "no meio da fumaça, no meio do dinheiro", e na maior solidão: "São Paulo é uma cidade deserta" (47).

Os principais problemas da civilização moderna, isto é, os principais "abismos" ou "becos sem saída" a que nos referíamos logo no início desta análise, estão aqui presentes, e em escala crescente e cumulativa. Em Inhambupe, ainda um lugarejo pertencente ao mundo rural, a decadência desse mundo. Em Alagoinhas, cidade de porte médio, a marginalização urbana dos

pobres que já aponta para uma compartimentação das classes sociais, embora ainda persistam, ao menos entre os desfavorecidos, alguns valores como a solidariedade. Em Feira, já uma cidade grande, a concentração populacional desordenada e a aceleração do ritmo de vida que, pelo menos para os advindos do “outro lado”, parece sem sentido. Em São Paulo, a megalópole cosmopolita, a fragmentação esquizofrênica (“vivi” e “morri”), o trabalho degradando a natureza (“fumaça”), a suprema valorização do dinheiro e a solidão do homem em meio a milhões de seus semelhantes.

O que, na aspiração, aparecia como a “Terra Prometida”, na realidade se degrada em um “Inferno” assustador (“Virgem Maria - ele nunca tinha visto prédios tão altos, cidade tão grande. Sua primeira reação foi de medo. Tudo aquilo podia desabar sobre sua cabeça”) (63); preconceituoso (“Todo baiano é negro. Todo baiano é pobre. Todo baiano é veado. Todo baiano acaba largando a mulher e os filhos para voltar para a Bahia”) (47); e marginalizante - (“Confessa, você é ladrão. Confessa, você é vagabundo. Confessa, você é marginal”) (44). Um inferno no qual predominam a solidão e a falta de fraternidade ou solidariedade - “ninguém sabia da vida de ninguém” (63) e quando eventualmente tomava conhecimento preferia não se envolver: “- Socorro. Estão me matando. Uma luz se acendeu ao meu terceiro grito e um homem chegou à janela. Ficou olhando. Eles continuaram batendo a minha cabeça no meio-fio” (43).

A vivência deste Inferno desmascara Nelo: o mitológico herói, “palha e lenha” (24) dos sonhos coletivos de uma comunidade, se torna um bêbado (“tinha bebido demais, falava já com a língua enrolada”) (64), doente (“os remédios eram para sífilis e esquitossomose”) (37), traído pela mulher (“Depois ela fugiu com Zé do pistão e levou meus filhos”) (47), e pobre (“aquele era o seu último dinheiro, o que restava daquilo que se pensava ser uma verdadeira fortuna”) (37).

Além disto, para Nelo, a permanência neste Inferno (tal como no religioso) era quase uma condenação eterna, tanto que ele não pôde retornar impunemente a Junco, ao Paraíso Perdido. Se em São Paulo, sentia saudades de Junco - “Tinha tudo isso gravado, fotografado. Todos os rostos, todas as vozes. O que já se foi” (81) -, de volta a Junco, sentia falta de São Paulo - “Tudo agora era uma imensa e exasperada saudade. Digam o que quiserem, mas uma cidade é outra coisa” (80).

Essa esquizofrenia o levou ao suicídio: “É por isso que não sei se volto ou se fico: acho que agora tanto faz. Porque o tempo que comeu o meu chapéu de palha, agora está comendo o lugar que deixei em São Paulo” (82). Sem lugar no Paraíso Perdido e na Terra Prometida, Nelo preferiu o “reino das flores”.

Nesta última citação retorna uma referência ao passar do tempo, ao ritmo da vida, outro fator de contraste entre “o lado do Pai” e “o lado da Mãe”. No Junco, a vida transcorre vagarosamente, num ritmo de espera: “Tudo o mais é a espera, debaixo deste sol descampado” (21). A passagem do tempo faz lembrar “aquela hora em que o dia vai morrendo nas barras vermelhas do horizonte” (103). No mundo urbano, pelo contrário, “a Terra já não gira mais como o eixo de um carro de boi. A vida quer pressa” (98).

6.3 O Trabalho castigado

Apesar do pouco que é dito sobre o trabalho de Nelo em São Paulo - “faço negócios, compro confecções aqui e vendo no norte do Paraná.” (44) - nota-se que ser biscateiro nada tem a ver com a sensação de integração homem-trabalho-natureza, da qual ele se recordava com saudade. Já a Mãe, para manter a família em Feira, “se matava de trabalhar”, desdobrando-se “em trinta numa máquina de costura” (100). Sua “recompensa” foi terminar louca, apertando o pescoço de seu filho Totonhim.

Com toda a força que ainda restava em suas duas calejadas e ásperas mãos - mãos que passaram a vida lavando pratos e panelas, varrendo casas e terreiros, cortando cabelos de meninos, cortando e remendando os panos que vestiam os filhos, esfregando roupas sujas” (72).

Assim, ao “Papai Absurdo” corresponde perfeitamente uma “Mamãe Absurdo”, pois o trabalho no sistema capitalista - seja no mundo rural, seja no mundo urbano - é sempre a parte inferiorizada, castigada. Metafórica e metonimicamente, esta certeza é retratada em *Essa terra* na história do negro Thiago, severamente espancado com uma palmatória que “pesa um quilo” (89) porque roubou uma galinha para alimentar sua família (o direito à propriedade valendo mais que o direito à vida):

As mãos: três imensas bolhas em cada uma.

Ele diz que são calos. Pela manhã, cedinho, iria voltar ao cabo da enxada. Cabo de enxada, braço de rodete, pá e picareta. Três bolhas em cada mão. (...) Dez bolos. É hoje que as bolhas estouram. Dez filhos. Amanhã é dia de enxada, outra vez" (90).

Neste mesmo sentido, sintomaticamente é o trabalho do Pai - diretamente, fazendo o caixão de Nelo, e indiretamente, assumindo as dívidas contraídas para o enterro - que, afinal pagará a conta pelos desencontros de um sistema com o qual, aliás, o Pai não concorda, mas é impotente para contrariar.

6.4 A Supremacia do Capital

A outra face da moeda - o capital - é representado por seu símbolo máximo, o Banco e pelos agentes secundários, ou seja, aqueles que absorveram o ideário do capital, agindo como se fosse "do partido dele" (60), embora, no fundo, não passem de elementos periféricos. Além do irmão que compra as terras do Pai ao invés de ajudá-lo a resgatar suas dívidas bancárias, de certo modo também a Mãe faz parte deste "partido", sobretudo pelo seu apego ao consumismo desenfreado.

Ao contrário do Pai que valorizava Nelo pelo lado do trabalho, a Mãe o tinha como o filho preferido - senão o único: "Éramos doze, contando uma irmã que já morreu. Só ele contava" (23) - sobretudo pelo dinheiro que lhe mandava regularmente, o qual

ela enterra todo no bicho, em estranhos bolos e em prestações que não se acabam nunca. Pensei que depois que pagasse a televisão ia ficar sossegada. Não ficou. Quando você demora de mandar ela fica arrancando os cabelos, sem saber o que faz com tanto cobrador em sua porta (96).

Como demonstra Chombart de Lauwe (1975: 146 ss), ao contrário do que possa parecer, a esfera do consumo não é livre, antes de tudo pelos condicionantes econômicos - abaixo de certo nível de renda, não se pode falar de consumidores mas de sobreviventes - e também por outros fatores como a manipulação dos desejos e aspirações, a política de preços, a facilidade de acesso aos estabelecimentos comerciais e, sobretudo, a política de produção,

que não visa prioritariamente a satisfação das reais necessidades do mercado consumidor, mas o lucro do produtor.

O consumo se transformou em símbolo de *status* social e *Essa terra* está repleto de exemplos deste fato, ora retratando como Nelo

um dia pegou um caminhão e sumiu no mundo para se transformar, como que por encantamento, num homem belo e rico, com seus dentes de ouro, seu terno folgado e quente de casimira, seus raybans, seu rádio de pilha - faladorzinho como um corno - e um relógio que brilha mais do que a luz do dia" (18);

ora comentando que "o dono da venda não arreganhou os dentes de ouro que o distinguiam de qualquer outro membro da raça humana" (39); ora tomando o vestuário como signo de novos costumes e valores; e até apresentando o comportamento do Pai, indubitavelmente um representante do outro "partido", em "um ano de muita fartura":

Sobrou dinheiro para rebocar e cair toda a casa, que por anos e anos incandescia as vistas de quem passasse pela estrada. Tirava-se o chapéu para o homem bem de vida que morava nela. (...) Arrancou as velhas pedras do chão, que substituiu por tijolos novos, como nas casas dos fazendeiros afortunados (59).

Até literalmente esta última citação explícita como os padrões de consumo da classe dominante se impõem a todos. Como comenta Chombart de Lauwe:

para aproveitar bens de consumo, os trabalhadores tendem a aceitar os sistemas de valores daqueles que dirigem a produção, mesmo quando sentem as contradições existentes entre esses valores impostos e aqueles que eram os seus até aqui. Esta forma de renúncia, esta desapropriação do plano intelectual e espiritual, é uma alienação menos visível mas não menos grave (...)" (1985:38)

7. A SÍNTESE: ONTEM VIA EMBRATEL

Talvez Totonhim, com sua partida para São Paulo anunciada no final do romance, realize a síntese entre esses dois mundos, o "lado do Pai" e o "lado da Mãe".

Efetivamente, como vimos, desde o princípio ele se define como o pêndulo de um relógio sem rumo, assumindo sem escamoteamento sua situação conflitiva, tanto do ponto de vista pessoal quanto social, pelo fato de pertencer a um tempo e a um lugar no qual os dois lados se chocam: o Sertão nordestino hoje.

Por outro lado, diferentemente de Nelo em sua consciência ingênua, Totonhim já se apoderou das ferramentas necessárias para enfrentar essa situação conflitiva e tentar transformá-la, uma vez que já adquiriu o conjunto de conhecimentos transmitidos pela sociedade, basicamente através da família e da escola, e assim, pelo menos teoricamente, já participa do patrimônio cultural acumulado. E principalmente, já iniciou um processo de tomada de consciência que, de acordo com a perspectiva de Chombart de Lauwe, o levará a um movimento cultural criador que funciona como motor das transformações.

De certa maneira, embora *Essa terra* seja, como dissemos anteriormente, uma tentativa de explicação para a morte de um homem e das aspirações que ele simboliza, por outro lado também é, equivalente e simultaneamente - mais uma ambivalência - o seu oposto, ou seja, a descrição de um processo de tomada de consciência (seguramente de Totonhim, e em certo sentido também do Pai e de Nelo, embora para esses sem esperanças de mudança) que prenuncia a transformação de uma situação degradada e degradante.

Todo o romance está pontilhado de indicações, de pistas inscritas no texto, que levam a essa leitura mais otimista, a começar pelo primeiro encontro entre Nelo e Totonhim, depois percebido por esse último como o momento no qual ele "acabava de atravessar a ponte que ia dar no ponto final de um tempo." (22) A metáfora da travessia da ponte transmite ao leitor a idéia da presença de dois mundos que interagem entre si; e a expressão "ponto final de um tempo" indica que aquele encontro, adjetivado como "inesperado" e "estranho", configura uma situação-limite que encerra um período e inicia um outro, que é o anterior transformado.

Deste ponto de vista, Totonhim - e não Nelo - é o foco principal

do romance. Ao fazer a retomada crítica da trajetória familiar e social; ao buscar descobrir as causas profundas dos desajustes; ao constatar que muito do que se atribui a uma fatalidade ou a uma falha pessoal é fruto de uma causa social - "Isto que o senhor chama derrota é decadência" (82) -; ao sacudir fora os "milhões de mandamentos que nos impedem de dizer o que somos", fazendo com que pareçamos (e nos vejamos) "quietos" e "calmos" (71); ao desiludir-se com as promessas que mantêm permanentemente adiada a ira dos dominados - "os domínios de Deus deviam ser ilimitados, podiam ter lugar para todos nós. Não tinham" (100) -; ao questionar a validade dos antigos valores na nova sociedade - "Pensei nessa coisa que se diz ser a solidariedade humana. Ela existe, sim. Desde que a gente conheça alguém que esteja em condições de oferecê-la (...). Lembra mais uma troca de favores" (106) - ao fazer tudo isto, Totonhim estava amadurecendo, conscientemente, sua decisão de vida e se preparando para tomar parte em um projeto coletivo de transformação da sociedade.

A tomada de consciência - o lento, doloroso e progressivo processo de tomada de consciência que ocupa todo o romance - ameaça jogar Totonhim - também ele uma figura simbólica - no desânimo: "Foi então que comecei a me sentir perdido, desamparado, sozinho" (107). O apelo à violência é outra possibilidade: "A revolta, outra vez e como sempre, mas agora maior, mais perigosa" (107). Ao final, chega ao equilíbrio e toma a decisão: "O dinheiro que eu receber da Prefeitura, no fim do mês, é para comprar uma passagem" (107).

Ele tem duas "certezas" - "Não posso deixar Nelo feder" (34) e "Precisas salvar a tua mãe, porque precisas te salvar" (104). Isto é, tem consciência que não pode renegar sua trajetória pessoal e histórica e que nada no seu passado inviabiliza seu futuro no "outro lado".

Com essa consciência enfrentará São Paulo. Repetirá Nelo ou será o antiNelo?

Essa terra não traz essa resposta. Mas é lá que está escrito: "embora o sol continuasse muito alto, nascendo no oriente e se pondo no poente, (...) nunca era o mesmo sol. Ele nascia e morria para nascer de novo, então não era o mesmo sol" (81).

Totonhim não é Nelo, assim como o Nordeste do fim do século XX também já não é o mesmo. Sua identidade continua.

esquizofrênica pela permanência de mundos contraditórios: a miséria dos mocambos e dos meninos de rua convivendo com palacetes e carros importados; o trabalho semi-escravo do ciclo da cana-de-açúcar ao lado de indústrias e serviços informatizados; o analfabetismo da maioria se contrapondo a alguns núcleos de excelência cultural, científica e tecnológica; Frei Damião e D. Helder Câmara residindo na mesma cidade; tantos e tantos “contrastes e confrontos”; ontem via Embratel. Só que tais contradições já afloram tão nitidamente que a possibilidade de manter o *status quo* é, cada dia, mais difícil. *Essa terra*, ao mimetizar essa identidade esquizofrênica, já aponta para sua superação pela via da tomada de consciência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1986.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- CHOMBART DE LAUWE, Paul-Henry. *Pour une sociologie des aspirations*. Paris: Editions Denoel, 1969.
- . *La culture et le pouvoir*. Paris: Editions Stock, 1975.
- FANON, Franz. *Los condenados de la tierra*. México: Fondo de Cultura Economica, 1961.
- FREMONT, Armand. *A região, espaço vivido*. Coimbra: Livraria Almedina, 1980.
- GALANO, Ana Maria. “Particularidades de ‘Campo Geral’. Estudo sobre relações de parentesco e reprodução social numa novela de Guimarães Rosa”. In: *Boletim 12 - Laboratório de Pesquisa Social*. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1992.
- GROSSMANN, Judith et alii. *O espaço geográfico no romance brasileiro*. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1993.
- LEITE, Lígia Chiappini Moraes. “Ponteiros Parados’ ou a gênese do cão”. In: TORRES, Antonio. *Essa terra*. São Paulo: Ática, 1976.
- RAFFESTIN, Claude. *Pour une géographie du pouvoir*. Paris: Librairies Techniques (LITEC), 1980.

Ontem Via Embratel: Nordeste uma identidade esquizofrênica

TORRES, Antonio. *Essa terra*. São Paulo: Ática, 1976.

TUAN, Yi-Fu. *Topofilia: Um estudo de percepção, atividade e valores do meio ambiente*. São Paulo: DIFEL, 1980.